

LITURGIA COMO PREGAÇÃO TEMÁTICA DO ESPÍRITO SANTO: PROPOSTA DE UMA CATEGORIA TEOLÓGICO-LITÚRGICA PARA O CULTO PENTECOSTAL

Liturgy as thematic preaching of the Holy Spirit: proposal of a theological-liturgical category for Pentecostal worship

Bruno Duarte Torres¹

RESUMO: Este artigo propõe a categoria teológico-litúrgica liturgia como pregação temática do Espírito Santo para nomear a convergência não previamente combinada dos elementos do culto pentecostal em torno de uma mesma ênfase bíblica e cristocêntrica. A pesquisa, de natureza teórico-conceitual, revisa literatura sobre liturgia e pregação pentecostais, estabelece fundamentos bíblico-teológicos e apresenta critérios de discernimento. Argumenta-se que a categoria não designa pregação temática comum, culto planejado ou revelação normativa, mas um fenômeno litúrgico discernido pastoralmente e submetido à Escritura. Conclui-se que a formulação oferece vocabulário teológico para uma experiência pentecostal conhecida, protegendo-a contra subjetivismo e manipulação.

PALAVRAS-CHAVE: Liturgia como pregação temática do Espírito Santo. Liturgia pentecostal. Pneumatologia litúrgica. Homilética pentecostal. Culto pentecostal.

ABSTRACT: This article proposes the theological-liturgical category liturgy as thematic preaching of the Holy Spirit to name the unplanned convergence of the elements of Pentecostal worship around the same biblical and Christ-centered emphasis. The study is theoretical and conceptual: it reviews literature on Pentecostal liturgy and preaching, establishes biblical-theological foundations, and presents criteria of discernment. It argues that the category does not designate ordinary thematic preaching, planned worship, or normative revelation, but a liturgical phenomenon pastorally discerned and submitted to Scripture. The article concludes that the formulation offers theological vocabulary for a known Pentecostal experience, protecting it against subjectivism and manipulation.

KEYWORDS: Liturgy as thematic preaching of the Holy Spirit. Pentecostal liturgy. Liturgical pneumatology. Pentecostal homiletics. Pentecostal worship.

1 INTRODUÇÃO

Comunidades pentecostais, em sua experiência litúrgica ordinária, conhecem cultos nos quais os diversos elementos da reunião parecem convergir para uma mesma ênfase espiritual. A oração inicial, os cânticos congregacionais, a leitura bíblica, os testemunhos partilhados, o exercício de dons e a pregação final aparecem, em determinadas ocasiões, articulados em torno de um mesmo tema, sem que tenha havido combinação prévia entre os

¹ Advogado. Presbítero da Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Balneário Camboriú (SC). Bacharel em Direito pela UNIVALI. Bacharel em Teologia pela FAETEL e bacharel em Teologia (livre) pela FATAD. Pós-graduado em Teologia, Educação e Contemporaneidade e em Docência do Ensino Superior pela FALP. Pós-graduado em Teologia do Novo Testamento pela FABAD e pós-graduando em Teologia do Novo Testamento Aplicada pela FABAPAR. Pós-graduado em Advocacia Cível e em Advocacia Trabalhista e Previdenciária pela FMP.

participantes. Esse modo participativo e responsivo de cultuar é reconhecido na literatura como traço estrutural da espiritualidade pentecostal, na qual a assembleia inteira é entendida como sujeito ativo da ação litúrgica ².

Pastores e líderes frequentemente descrevem essas ocasiões com expressões como direção do Espírito, unção sobre o culto ou palavra do Senhor para a igreja. A pesquisa sobre a oralidade e a espiritualidade pentecostais tem observado que essa linguagem, ainda que teologicamente imprecisa, expressa uma percepção real da comunidade quanto à ação de Deus no culto ³. A experiência, portanto, é amplamente reconhecida na vivência pentecostal; sua conceituação teológica, contudo, permanece insuficiente.

Esse descompasso entre experiência reconhecida e conceito ausente constitui o problema de pesquisa deste artigo. A teologia litúrgica produzida nas últimas décadas tem oferecido contribuições substantivas para a compreensão do culto pentecostal, examinando sua ritualidade, sua corporeidade, sua participação congregacional e sua espiritualidade ⁴. A homilética, por sua vez, tem refletido sobre a especificidade da pregação pentecostal e sobre a relação entre o Espírito Santo e o ato de pregar ⁵. Não se encontra, todavia, na literatura, uma categoria técnica que nomeie de modo preciso o fenômeno da convergência litúrgica não previamente combinada, nem que estabeleça os critérios pelos quais tal convergência possa ser discernida e submetida ao governo da Escritura.

Diante dessa lacuna, o presente artigo tem por objetivo propor, cunhar e conceituar formalmente uma categoria teológico-litúrgica nova, aqui designada pela expressão liturgia como pregação temática do Espírito Santo. A formulação, a delimitação e a conceituação dessa categoria constituem a contribuição original que este estudo introduz no debate da teologia litúrgica pentecostal. Trata-se de artigo de natureza teórico-conceitual, cujo propósito não é descrever empiricamente cultos particulares, mas oferecer vocabulário teológico capaz de nomear, delimitar e disciplinar a compreensão de um fenômeno litúrgico conhecido. A

² ALBRECHT, Daniel E. *Rites in the Spirit: a ritual approach to Pentecostal/Charismatic spirituality*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1999, p. 150-152; DAVIS, T. Ryan. *Participation in the Pentecostal Liturgy: an ecclesiology of the prophethood of all believers*. 2022. Tese (PhD) — University of Birmingham, Birmingham, 2022, p. 41-55.

³ HOLLENWEGER, Walter J. *Pentecostalism: origins and developments worldwide*. Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 1997, p. 269-271; LAND, Steven J. *Pentecostal Spirituality: a passion for the Kingdom*. Cleveland, TN: CPT Press, 2010, p. 71-79.

⁴ ALBRECHT, 1999; CHAN, Simon. *Liturgical Theology: the church as worshiping community*. Downers Grove: IVP Academic, 2006; CARTLEDGE, Mark J.; SWOBODA, A. J. (ed.). *Scripting Pentecost: a study of Pentecostals, worship and liturgy*. London; New York: Routledge, 2017; VONDEY, Wolfgang. *Pentecostal Theology: living the full gospel*. London: Bloomsbury T&T Clark, 2017.

⁵ HEISLER, Greg. *Spirit-Led Preaching: the Holy Spirit's role in sermon preparation and delivery*. Nashville: B&H Academic, 2007; AMARAL, Natanael; ALBANO, Fernando. A pregação pentecostal: princípios teológicos para a sua realização. *Azusa: Revista de Estudos Pentecostais*, Joinville, v. 6, n. 2, p. 159-174, jul./dez. 2015.

pertinência de um trabalho dessa natureza apoia-se no reconhecimento, hoje consolidado, de que a liturgia constitui lugar teológico próprio, e não mero arranjo prático do culto ⁶.

O percurso metodológico organiza-se em três movimentos. O primeiro, de natureza bibliográfica, revisa a literatura sobre liturgia pentecostal e pregação pentecostal, com o duplo objetivo de situar a discussão e de demonstrar a lacuna conceitual que justifica a proposição. O segundo movimento estabelece a fundamentação bíblico-teológica sobre a qual a categoria se apoia, recorrendo a textos do Novo Testamento e a eixos teológicos consolidados. O terceiro movimento apresenta a proposição propriamente dita: a definição da categoria, sua delimitação negativa e positiva, e os critérios de discernimento que a protegem contra usos indevidos. O artigo encerra-se com a indicação de implicações e de agenda de pesquisa.

2 LITURGIA E PREGAÇÃO PENTECOSTAIS: ESTADO DA QUESTÃO

A constituição do culto pentecostal como objeto legítimo de investigação teológica é relativamente recente. Durante boa parte do século XX, predominou a percepção, inclusive entre pentecostais, de que o pentecostalismo seria um movimento essencialmente a-litúrgico, caracterizado pela espontaneidade e pela ausência de formas fixas. Essa percepção foi progressivamente revista. O estudo pioneiro sobre a ritualidade pentecostal demonstrou que o culto pentecostal possui uma estrutura ritual identificável, com fundamentos, microrritos e modos rituais reconhecíveis, ainda que marcados por flexibilidade e espontaneidade ⁷. A categoria de ritualidade aplicada ao pentecostalismo permitiu superar a falsa oposição entre liberdade espiritual e forma litúrgica.

Essa virada interpretativa abriu campo para um conjunto consistente de estudos. A liturgia passou a ser compreendida como expressão da identidade eclesial e como lugar no qual a igreja se constitui como comunidade adoradora, de modo que a teologia litúrgica não pode ser separada da eclesiologia ⁸. Estudos dedicados especificamente ao tema consolidaram a liturgia pentecostal como campo de pesquisa, articulando história, teologia, música, corporeidade e prática comunitária, e demonstrando que o culto é um dos lugares privilegiados para a interpretação do pentecostalismo global ⁹. A compreensão do pentecostalismo como espiritualidade integral, e não apenas como conjunto de doutrinas sobre dons, reforçou a relevância teológica do culto ¹⁰.

⁶ CHAN, 2006, p. 41-62.

⁷ ALBRECHT, 1999, p. 21-25, 150-178.

⁸ CHAN, 2006, p. 21-40.

⁹ CARTLEDGE; SWOBODA, 2017, p. 1-12.

¹⁰ LAND, 2010, p. 23-32.

A reflexão sobre a participação congregacional recebeu tratamento detido. Investigou-se a liturgia pentecostal na chave de uma eclesiologia do sacerdócio de todos os crentes, na qual a assembleia inteira participa ativamente da ação litúrgica, e não apenas a liderança ¹¹. A dimensão musical e o louvor congregacional foram examinados como modo de teologia e como prática formativa dos afetos e da identidade da comunidade ¹². No contexto brasileiro, pesquisas sobre a estrutura litúrgica do culto pentecostal evidenciaram a existência de uma morfologia reconhecível, com etapas e ritmos identificáveis, mesmo onde se rejeita explicitamente a noção de liturgia ¹³.

A pregação pentecostal, por sua vez, tem sido objeto de reflexão homilética específica. Estudos têm examinado seus princípios teológicos e suas características distintivas no conjunto da homilética cristã ¹⁴. A relação entre o Espírito Santo e a preparação e entrega do sermão recebeu tratamento sistemático na proposta de uma pregação conduzida pelo Espírito, na qual o preparo rigoroso e a dependência do Espírito não se opõem, mas se reforçam mutuamente, evidenciando a conexão indispensável entre Palavra e Espírito no ato de pregar ¹⁵. A homilética contemporânea tem ainda recuperado a compreensão da pregação como ato litúrgico inserido no conjunto do culto, e não como peça isolada ¹⁶.

Esse panorama, ainda que sumário, é suficiente para evidenciar o ponto que interessa a este artigo. A literatura disponível examina, com competência crescente, a ritualidade do culto pentecostal ¹⁷, a participação da assembleia ¹⁸, a função da música ¹⁹, a estrutura litúrgica no contexto brasileiro ²⁰ e a especificidade da pregação pentecostal ²¹. Em nenhum desses corpos de literatura, contudo, encontra-se uma categoria técnica destinada a nomear o fenômeno específico da convergência espiritual não previamente combinada entre os elementos do culto, recolhida e exposta pela pregação. Os estudos descrevem os elementos da liturgia isoladamente ou em conjunto; não conceituam o fenômeno de sua articulação temática espontânea sob direção espiritual discernida.

¹¹ DAVIS, 2022, p. 41-78.

¹² INGALLS, Monique M.; YONG, Amos (ed.). *The Spirit of Praise: music and worship in global Pentecostal-Charismatic Christianity*. University Park: Pennsylvania State University Press, 2015, p. 1-16.

¹³ SANTOS JÚNIOR, Paulo Jonas dos; FÓFANO, Clodoaldo Sanches. Culto pentecostal brasileiro: reflexiones sobre estructura litúrgica. *Tear Online: liturgia em revista*, São Leopoldo, v. 7, n. 1, p. 48-57, 2018, p. 48-57; CAMPOS, Bernardo. Estructura y morfología del culto pentecostal tradicional. *Azusa: Revista de Estudios Pentecostais*, Joinville, v. 7, n. 2, p. 9-32, jul./dez. 2016.

¹⁴ AMARAL; ALBANO, 2015, p. 159-174.

¹⁵ HEISLER, 2007, p. 19-36.

¹⁶ LONG, Thomas G. *The Witness of Preaching*. 2. ed. Louisville: Westminster John Knox Press, 2005, p. 11-15.

¹⁷ ALBRECHT, 1999.

¹⁸ DAVIS, 2022.

¹⁹ INGALLS; YONG, 2015.

²⁰ SANTOS JÚNIOR; FÓFANO, 2018.

²¹ HEISLER, 2007; AMARAL; ALBANO, 2015.

Há, portanto, uma lacuna conceitual precisa. O fenômeno é reconhecido na prática pastoral e mencionado de modo difuso na linguagem devocional pentecostal, mas não foi, até o momento, objeto de formulação teológica sistemática que o nomeie, o delimite e o submeta a critérios. Essa ausência não é trivial: a teologia litúrgica pentecostal tem sido instada a desenvolver categorias próprias, capazes de articular teologicamente aquilo que a comunidade vive²². É essa lacuna que o presente artigo se propõe a preencher, mediante a proposição da categoria que adiante se conceitua.

3 FUNDAMENTAÇÃO BÍBLICO-TEOLÓGICA

A proposição de uma categoria teológico-litúrgica nova exige fundamentação bíblica e teológica que a sustente e, ao mesmo tempo, a discipline. Esta seção apresenta, de modo condensado, os três fundamentos sobre os quais a categoria proposta se apoia: o caráter eclesial da ação do Espírito, a regulação pela Escritura e o critério cristológico.

3.1 A assembleia reunida e a ação do Espírito

O Novo Testamento apresenta a assembleia cristã como realidade constituída pela ação de Deus. A igreja não se reúne para produzir a presença divina, mas porque foi convocada por ela. O relato de Pentecostes descreve uma comunidade reunida sobre a qual o Espírito é derramado, resultando em proclamação compreensível e em interpretação da experiência à luz da Escritura (At 2). A exegese de Atos tem destacado que o derramamento do Espírito em Pentecostes não é experiência meramente individual, mas acontecimento que constitui a comunidade como povo profético e testemunhal²³. O episódio da igreja de Antioquia apresenta uma assembleia que cultua, jejua e, nesse contexto litúrgico, discerne a direção do Espírito quanto ao envio missionário (At 13.1-3), o que mostra que a percepção da vontade do Espírito ocorre no contexto da adoração comunitária²⁴.

Esse dado é relevante para a categoria aqui proposta. A convergência litúrgica que se pretende conceituar não é evento individual nem fenômeno extático isolado, mas acontecimento eclesial, situado na assembleia reunida e ordenado à sua edificação. A teologia

²² VONDEY, 2017, p. 1-15.

²³ KEENER, Craig S. *Spirit Hermeneutics: reading Scripture in light of Pentecost*. Grand Rapids: Eerdmans, 2016, p. 145-159; STRONSTAD, Roger. *A teologia carismática de Lucas: trajetórias do Antigo Testamento a Lucas-Atos*. Rio de Janeiro: CPAD, 2018, p. 71-90.

²⁴ KEENER, 2016, p. 160-166.

litúrgica pentecostal tem sublinhado precisamente esse caráter comunitário do culto, no qual a ação do Espírito e a participação do corpo são inseparáveis ²⁵.

3.2 A regulação pela Escritura

A ação do Espírito na assembleia, segundo o Novo Testamento, não dispensa o discernimento; antes, o exige. A orientação apostólica articula, em um mesmo movimento, a abertura ao Espírito e o exame criterioso. O texto de 1 Tessalonicenses estabelece esse equilíbrio de modo direto, ao ordenar simultaneamente que não se extinga o Espírito e que se examine tudo, retendo o bem (1Ts 5.19-21). A profecia congregacional, embora reconhecida, é submetida a julgamento da comunidade (1Co 14.29), e os espíritos devem ser provados (1Jo 4.1). A exegese de 1 Coríntios tem demonstrado que, longe de sufocar a liberdade espiritual, o critério apostólico da edificação é o que ordena e legitima o exercício dos dons na assembleia.²⁶

Desse modo, qualquer categoria que pretenda nomear uma direção espiritual percebida no culto deve, para ser teologicamente legítima, submeter-se ao governo da Escritura. A experiência litúrgica pode ser significativa sem ser normativa. A hermenêutica pentecostal contemporânea tem insistido em que a valorização da experiência no Espírito não relativiza a autoridade da Escritura, mas dela depende e a ela se subordina ²⁷. O critério permanece o texto bíblico, conforme a determinação apostólica de que “tudo se faça para edificação” (1Co 14.26).

3.3 O critério cristológico

O Novo Testamento apresenta a obra do Espírito como intrinsecamente referida a Cristo. Segundo o discurso joanino de despedida, o Espírito da verdade não fala de si mesmo, mas glorifica o Filho, recebendo do que é dele e anunciando-o à comunidade (Jo 16.13-14). A teologia pneumatológica tem sublinhado esse caráter cristocêntrico da ação do Espírito, que não constitui uma economia autônoma, mas conduz sempre ao reconhecimento e à glorificação de Cristo ²⁸. Disso decorre um critério decisivo: toda manifestação espiritual

²⁵ CHAN, 2006, p. 99-114; DAVIS, 2022, p. 56-78.

²⁶ FEE, Gordon D. *Primera Epístola a los Corintios*. Tradução de Carlos Alonso Vargas. Buenos Aires; Grand Rapids: Nueva Creación; William B. Eerdmans Publishing Company, 1994, p. 652-712; CARSON, D. A. *A manifestação do Espírito: a contemporaneidade dos dons à luz de 1 Coríntios 12—14*. Tradução de Caio Peres. São Paulo: Vida Nova, 2013, p. 113-145.

²⁷ SIQUEIRA, Gutierrez; TERRA, Kenner. *Autoridade bíblica e experiência no Espírito: a contribuição da hermenêutica pentecostal-carismática*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020, p. 88-95.

²⁸ KÄRKKÄINEN, Veli-Matti. *Pneumatology: the Holy Spirit in ecumenical, international, and contextual perspective*. Grand Rapids: Baker Academic, 2002, p. 26-37.

autêntica conduz a Cristo. Uma convergência litúrgica que não glorifique o Filho não pode, por definição, ser atribuída ao Espírito que o glorifica.

Esses três fundamentos — o caráter eclesial da ação do Espírito, a regulação pela Escritura e o critério cristológico — constituem o solo teológico sobre o qual a categoria proposta se sustenta e a partir do qual ela é disciplinada. Eles articulam, em chave pentecostal, a convicção reformada clássica da coinerência de Palavra e Espírito, segundo a qual o mesmo Espírito que vivifica a assembleia é aquele que inspirou e governa as Escrituras.²⁹

4 A CATEGORIA PROPOSTA: LITURGIA COMO PREGAÇÃO TEMÁTICA DO ESPÍRITO SANTO

Estabelecida a lacuna conceitual e apresentada a fundamentação, propõe-se neste artigo a categoria teológico-litúrgica designada pela expressão liturgia como pregação temática do Espírito Santo. A categoria, sua denominação e sua conceituação são aqui introduzidas como contribuição original do autor. A proposição inscreve-se no esforço, já reconhecido como necessário pela teologia litúrgica pentecostal, de desenvolver categorias teológicas próprias para o culto, em vez de importar acriticamente esquemas de outras tradições.³⁰

4.1 Definição

Propõe-se a seguinte definição. Liturgia como pregação temática do Espírito Santo designa o fenômeno litúrgico no qual os diversos elementos do culto pentecostal — oração, louvor congregacional, leitura bíblica, testemunhos, exercício de dons, direção pastoral e pregação — convergem, sem combinação humana prévia, em torno de uma mesma ênfase bíblica e cristocêntrica, percebida e discernida pastoralmente como direção do Espírito Santo, cabendo à pregação final recolher essa convergência, organizá-la teologicamente e expô-la sob o governo da Escritura.

A expressão articula três núcleos. O substantivo liturgia indica que o sujeito do fenômeno é o conjunto do culto, e não um único elemento isolado; isso pressupõe a compreensão, hoje consolidada, de que a liturgia pentecostal possui uma estrutura articulada de elementos, e não uma sucessão aleatória de momentos³¹. A locução pregação temática indica que a convergência se organiza em torno de um tema e encontra na pregação o seu

²⁹ HEISLER, 2007, p. 37-54.

³⁰ CHAN, 2006, p. 41-62; VONDEY, 2017, p. 1-15.

³¹ ALBRECHT, 1999, p. 150-178; SANTOS JÚNIOR; FÓFANO, 2018, p. 48-57.

momento de recolhimento e exposição. O complemento do Espírito Santo indica que a direção do tema é atribuída, mediante discernimento, à ação do Espírito, e não à engenhosidade humana.

4.2 Delimitação negativa: o que a categoria não designa

A precisão de uma categoria depende tanto de sua definição positiva quanto de sua delimitação negativa. Três distinções são indispensáveis.

Em primeiro lugar, a categoria não designa a pregação temática comum. Na homilética, distingue-se usualmente a pregação textual e expositiva, organizada a partir de uma perícopes, da pregação temática, organizada a partir de um assunto, e essa distinção é tema clássico dos manuais de homilética³². A categoria aqui proposta não se refere a esse procedimento homilético. A diferença é estrutural: na pregação temática comum, o tema é escolhido pelo pregador no preparo do sermão; na categoria proposta, o tema é percebido como emergente da convergência da liturgia inteira, e não apenas da decisão do pregador.

Em segundo lugar, a categoria não designa o culto temático previamente planejado. É prática litúrgica corrente que equipes de liderança planejem cultos em torno de um tema, harmonizando previamente cânticos, leituras e mensagem; tal planejamento integra a legítima preparação do culto e é reconhecido como parte da responsabilidade pastoral sobre a liturgia³³. A categoria proposta, contudo, refere-se justamente à convergência não previamente combinada. Onde houve combinação prévia, há culto temático planejado; onde a convergência ocorre sem combinação, e é discernida como direção espiritual, configura-se o fenômeno que a categoria nomeia.

Em terceiro lugar, a categoria não designa nova revelação normativa. A convergência litúrgica discernida não produz autoridade equivalente à da Escritura, não acrescenta conteúdo ao cânon e não vincula a consciência da igreja como o texto bíblico a vincula. Essa delimitação acompanha a hermenêutica pentecostal responsável, que distingue a iluminação e a aplicação contextual da Palavra de qualquer pretensão de revelação nova e normativa³⁴. A direção percebida é pastoralmente significativa, não canonicamente normativa. Essa delimitação é decisiva para a legitimidade teológica da categoria e a distingue de concepções que confundem impressão litúrgica com revelação.

³² ROBINSON, Haddon W. *Pregação bíblica: o desenvolvimento e a entrega de mensagens expositivas*. Tradução de Daniel de Oliveira. 2. ed. São Paulo: Edições Vida Nova, 2014, p. 33-42.

³³ CHAN, 2006, p. 63-86.

³⁴ SIQUEIRA; TERRA, 2020, p. 88-104.

4.3 Delimitação positiva: a função recolhedora da pregação

Positivamente, a categoria atribui à pregação uma função específica, que se designa aqui como função recolhedora. Na liturgia como pregação temática do Espírito Santo, o pregador não introduz, no momento do sermão, um tema estranho ao que a assembleia vinha vivendo. Antes, reconhece a convergência que se manifestou ao longo do culto, recolhe-a, submete-a ao texto bíblico e a expõe de modo ordenado e cristocêntrico. Essa compreensão pressupõe que a pregação não é peça isolada, mas ato litúrgico inserido no conjunto do culto e em continuidade com os demais elementos ³⁵.

A função recolhedora supõe um pregador que se preparou e que, simultaneamente, permanece atento à liturgia em curso. Não há, na categoria proposta, oposição entre preparo e sensibilidade espiritual. A homilética da pregação conduzida pelo Espírito demonstra que o estudo rigoroso do texto e a dependência do Espírito não competem entre si, mas se reforçam, de modo que o preparo é forma de honra ao Espírito que vivifica a Palavra ³⁶. O pregador chega ao púlpito com estudo bíblico feito e, ao mesmo tempo, com disposição para discernir o que a assembleia vinha vivendo, ajustando ênfases sem abandonar o texto estudado. A função recolhedora articula, portanto, fidelidade exegética e sensibilidade litúrgica.

4.4 Critérios de discernimento

Para que a convergência litúrgica seja legitimamente atribuída à ação do Espírito, e não à coincidência, à sugestão coletiva ou à indução humana, propõem-se cinco critérios de discernimento, derivados da fundamentação apresentada na seção anterior e convergentes com a tradição cristã de exame das afeições e manifestações religiosas ³⁷.

O primeiro critério é a subordinação à Escritura: a ênfase percebida deve ser confirmada pelo texto bíblico, e não meramente derivada de impressões, conforme a determinação apostólica de exame de tudo (1Ts 5.21) ³⁸. O segundo critério é o cristocentrismo: a convergência deve glorificar a Cristo, conforme a obra própria do Espírito (Jo 16.14) ³⁹. O terceiro critério é a edificação: a convergência deve resultar em edificação efetiva do corpo, e não em mera comoção, conforme o critério paulino (1Co 14.26) ⁴⁰. O quarto critério é o discernimento comunitário: a percepção da direção espiritual não é

³⁵ LONG, 2005, p. 11-15.

³⁶ HEISLER, 2007, p. 55-78.

³⁷ EDWARDS, Jonathan. *Afeições religiosas*. Tradução de Marcos Vasconcelos e Marcelo Cipolla. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 55-110.

³⁸ SIQUEIRA; TERRA, 2020, p. 88-95.

³⁹ KÄRKKÄINEN, 2002, p. 26-37.

⁴⁰ FEE, 1994, p. 652-690.

privilegio de um indivíduo, mas é submetida ao juízo da comunidade e de sua liderança (1Co 14.29)⁴¹. O quinto critério é a não-indução: a convergência não pode ter sido fabricada por meios de pressão emocional, repetição manipulada ou sugestão dirigida, distinção que a tradição cristã clássica do discernimento já estabelecia ao reconhecer que afeições intensas podem ter origem natural ou induzida, e não necessariamente espiritual ⁴².

Esses critérios cumprem função protetiva. Eles impedem que a categoria seja apropriada para legitimar subjetivismo, manipulação litúrgica ou pretensões de revelação normativa. Uma convergência que não satisfaça os critérios não deve ser designada como liturgia como pregação temática do Espírito Santo, ainda que tenha havido intensidade emocional ou impressão de unanimidade. Essa exigência de critérios objetivos é coerente com a compreensão de que a autêntica espiritualidade pentecostal não se mede pela intensidade da experiência, mas por sua conformidade à Palavra e por seus frutos.⁴³

5 IMPLICAÇÕES E AGENDA DE PESQUISA

A proposição da categoria comporta implicações em ao menos três planos. No plano da teologia litúrgica, oferece vocabulário técnico para um fenômeno até aqui descrito apenas de modo difuso, contribuindo para a precisão do discurso sobre o culto pentecostal e para o esforço de constituição de uma teologia litúrgica pentecostal própria ⁴⁴. No plano da homilética, redimensiona a compreensão da pregação, que passa a ser pensada não apenas como exposição preparada isoladamente, mas também como momento de recolhimento da liturgia precedente, em continuidade com a compreensão da pregação como ato litúrgico ⁴⁵. No plano pastoral, fornece à liderança critérios para distinguir a convergência espiritual legítima de suas falsificações, contribuindo para a saúde litúrgica das comunidades.

A categoria proposta comporta também limites, que devem ser explicitados. Sua aplicação depende de discernimento pastoral maduro, não sendo redutível a procedimento mecânico. Sua verificação não é experimentalmente demonstrável, situando-se no âmbito do juízo teológico-pastoral. Sua legitimidade depende rigorosamente da observância dos critérios propostos, sem os quais a categoria pode degenerar em justificativa para o subjetivismo que

⁴¹ CARSON, 2013, p. 113-145.

⁴² EDWARDS, 2018, p. 85-110.

⁴³ LAND, 2010, p. 122-134; EDWARDS, 2018, p. 285-330.

⁴⁴ CHAN, 2006, p. 41-62; VONDEY, 2017, p. 1-15.

⁴⁵ LONG, 2005, p. 11-15; HEISLER, 2007, p. 55-78.

ela mesma pretende evitar — risco que a literatura sobre os perigos do experientialismo desregrado já identificou ⁴⁶.

Abre-se, a partir desta proposição, uma agenda de pesquisa. São desdobramentos possíveis: o aprofundamento bíblico-exegético dos fundamentos aqui apenas condensados, sobretudo a partir de Atos e de 1Coríntios ⁴⁷; a investigação histórica de manifestações análogas na tradição cristã, incluindo a tradição dos avivamentos ⁴⁸; o estudo empírico da percepção pastoral do fenômeno em comunidades concretas, no horizonte aberto pelas pesquisas sobre a estrutura litúrgica do culto pentecostal brasileiro ⁴⁹; e o desenvolvimento sistemático da categoria em suas implicações litúrgicas, homiléticas e formativas. Tais desdobramentos permanecem abertos à investigação teológica e pastoral subsequente.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo partiu da constatação de uma lacuna: a existência, na vivência litúrgica pentecostal, de um fenômeno reconhecido — a convergência não previamente combinada dos elementos do culto em torno de uma ênfase espiritual — desprovido, contudo, de categoria teológica que o nomeasse e disciplinasse. A revisão da literatura confirmou que, embora a ritualidade, a participação congregacional, a música e a pregação pentecostais tenham recebido tratamento competente, nenhum corpo de literatura conceituou o fenômeno específico aqui examinado.

Diante dessa lacuna, o artigo propôs, cunhou e conceituou a categoria teológico-litúrgica liturgia como pregação temática do Espírito Santo. A categoria foi definida como o fenômeno litúrgico no qual os elementos do culto pentecostal convergem, sem combinação humana prévia, em torno de uma ênfase bíblica e cristocêntrica discernida como direção do Espírito, cabendo à pregação recolhê-la e expô-la sob o governo da Escritura. Foi delimitada negativamente, distinguindo-se da pregação temática comum, do culto temático planejado e da pretensão de revelação normativa. Foi delimitada positivamente pela função recolhedora atribuída à pregação. E foi submetida a cinco critérios de discernimento — subordinação à Escritura, cristocentrismo, edificação, discernimento comunitário e não-indução — que cumprem função protetiva contra usos indevidos.

A contribuição do artigo é, portanto, de natureza conceitual: oferecer à teologia litúrgica pentecostal um vocabulário técnico preciso para um fenômeno conhecido, ancorado

⁴⁶ LAND, 2010, p. 122-134.

⁴⁷ KEENER, 2016; FEE, 1994.

⁴⁸ EDWARDS, 2018.

⁴⁹ SANTOS JÚNIOR; FÓFANO, 2018.

na fundamentação bíblica, na pneumatologia e na homilética contemporâneas. Reconhece-se que a proposição aqui apresentada constitui formulação inicial, a ser aprofundada, testada e eventualmente corrigida pela comunidade acadêmica e pela investigação subsequente. Espera-se, contudo, que a categoria, tal como aqui cunhada e conceituada, possa servir desde já ao discurso teológico sobre o culto pentecostal, contribuindo para que a igreja nomeie com mais precisão, e discirna com mais rigor, aquilo que crê ser a ação do Espírito Santo em sua liturgia.

REFERÊNCIAS

ALBRECHT, Daniel E. *Rites in the Spirit: a ritual approach to Pentecostal/Charismatic spirituality*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1999.

AMARAL, Natanael; ALBANO, Fernando. A pregação pentecostal: princípios teológicos para a sua realização. *Azusa: Revista de Estudos Pentecostais*, Joinville, v. 6, n. 2, p. 159-174, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://azusa.emnuvens.com.br/revista/article/view/104>. Acesso em: 19 maio 2026.

BÍBLIA SAGRADA. Almeida Revista e Corrigida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

CAMPOS, Bernardo. Estructura y morfologia del culto pentecostal tradicional. *Azusa: Revista de Estudos Pentecostais*, Joinville, v. 7, n. 2, p. 9-32, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://azusa.emnuvens.com.br/revista/article/view/142>. Acesso em: 19 maio 2026.

CARSON, D. A. *A manifestação do Espírito: a contemporaneidade dos dons à luz de 1 Coríntios 12—14*. Tradução de Caio Peres. São Paulo: Vida Nova, 2013.

CARTLEDGE, Mark J.; SWOBODA, A. J. (ed.). *Scripting Pentecost: a study of Pentecostals, worship and liturgy*. London; New York: Routledge, 2017.

CHAN, Simon. *Liturgical Theology: the church as worshiping community*. Downers Grove: IVP Academic, 2006.

DAVIS, T. Ryan. *Participation in the Pentecostal Liturgy: an ecclesiology of the prophethood of all believers*. 2022. Tese (PhD) — University of Birmingham, Birmingham, 2022. Disponível em: <https://etheses.bham.ac.uk/id/eprint/12303/>. Acesso em: 19 maio 2026.

EDWARDS, Jonathan. *Afeições religiosas*. Tradução de Marcos Vasconcelos e Marcelo Cipolla. São Paulo: Vida Nova, 2018.

FEE, Gordon D. *Primera Epístola a los Corintios*. Tradução de Carlos Alonso Vargas. Buenos Aires; Grand Rapids: Nueva Creación; William B. Eerdmans Publishing Company, 1994.

HEISLER, Greg. *Spirit-Led Preaching: the Holy Spirit's role in sermon preparation and delivery*. Nashville: B&H Academic, 2007.

HOLLENWEGER, Walter J. *Pentecostalism: origins and developments worldwide*. Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 1997.

INGALLS, Monique M.; YONG, Amos (ed.). *The Spirit of Praise: music and worship in global Pentecostal-Charismatic Christianity*. University Park: Pennsylvania State University Press, 2015.

KÄRKKÄINEN, Veli-Matti. Pneumatology: the Holy Spirit in ecumenical, international, and contextual perspective. Grand Rapids: Baker Academic, 2002.

KEENER, Craig S. Spirit Hermeneutics: reading Scripture in light of Pentecost. Grand Rapids: Eerdmans, 2016.

LAND, Steven J. Pentecostal Spirituality: a passion for the Kingdom. Cleveland, TN: CPT Press, 2010.

LONG, Thomas G. The Witness of Preaching. 2. ed. Louisville: Westminster John Knox Press, 2005.

ROBINSON, Haddon W. Pregação bíblica: o desenvolvimento e a entrega de mensagens expositivas. Tradução de Daniel de Oliveira. 2. ed. São Paulo: Edições Vida Nova, 2014.

SANTOS JÚNIOR, Paulo Jonas dos; FÓFANO, Clodoaldo Sanches. Culto pentecostal brasileiro: reflexiones sobre estructura litúrgica. Tear Online: liturgia em revista, São Leopoldo, v. 7, n. 1, p. 48-57, 2018. Disponível em: <https://periodicos.est.edu.br/index.php/tear/article/view/3227>. Acesso em: 19 maio 2026.

SIQUEIRA, Gutierrez; TERRA, Kenner. Autoridade bíblica e experiência no Espírito: a contribuição da hermenêutica pentecostal-carismática. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.

STRONSTAD, Roger. A teologia carismática de Lucas: trajetórias do Antigo Testamento a Lucas-Atos. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

VONDEY, Wolfgang. Pentecostal Theology: living the full gospel. London: Bloomsbury T&T Clark, 2017.